

O PREFIXO *HIPER-* EM UM *CORPUS* JORNALÍSTICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ieda Maria Alves
(Universidade de São Paulo/CNPq)

RESUMO

Apresentamos, neste trabalho, características morfológicas, semânticas e textuais de neologismos prefixados com *hiper-*, observadas em *corpora* jornalísticos de diferentes períodos: revistas *IstoÉ* e *Veja* estudadas de janeiro de 1986 a dezembro de 1990 e dados registrados na *Base de neologismos do português brasileiro contemporâneo*, projeto TermNeo, que apresenta neologismos coletados em um *corpus* jornalístico desde janeiro de 1993. O prefixo, inicialmente formador de termos das línguas de especialidade, passou a ser usado em contextos não especializados, formando sobretudo derivados nominais e não mais exerce a função de “posição”, assumindo a de “excesso”.

PALAVRAS-CHAVE: neologismos; prefixação; sentido; mídia

1. Histórico do prefixo

O prefixo *hiper-*, de origem grega, de maneira geral é classificado como formante¹ prefixal nos trabalhos gramaticais e lexicográficos relativos à língua portuguesa.

Cunha (1982, p. 411) classifica-o como elemento de composição. Na obra de Moraes Silva (1813, vol. 2, p. 124) não há menção às características do formante, mas são observados registros de formações substantivais (*hipérbole*, *hipercrítico*, *hipermetria*) e adjetivais (*hiperbóreo*, *hipercatalecto*). Vieira (1871-4, vol. 3, p. 999) registra-o

como prefixo grego que “entra na composição de muitas palavras científicas e denota então superioridade, excesso, preeminência”. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, p. 1534) classifica-o como “prefixo culto do gr. *hupér* (adv. e prep., origin.) ‘acima; acima de, sobre; por cima, superiormente, muito, demais, para lá de’ - morfológicamente com a raiz indo-européia **ub-* (*sup-* e *sub-*) ‘movimento de baixo para cima; elevação’ /.../”

Referências a *hiper-* também são observadas em obras gramaticais do português. Julio Ribeiro, em *Grammatica portugueza* (1881), arrola-o entre os prefixos originários do grego. Coutinho (1958, p.190), opondo-o aos prefixos de caráter popular, cita *hiper-sensível* e classifica-o como um prefixo erudito, “o que é conhecido e empregado somente pelos homens cultos”. Em sua *Gramática expositiva* (1958, p.194-199), Pereira cita-o como prefixo indicativo de posição superior, juntamente com *sobre-* e *super-*.

Apresentamos, neste trabalho, características morfológicas, semânticas e textuais de neologismos prefixados com *hiper-*, observadas em *corpora* jornalísticos de diferentes períodos.

2. O corpus de análise

Os dados que apresentamos são extraídos de *corpora* jornalísticos extraídos desde a década de 80 (janeiro de 1986). Esses primeiros dados compreendem um período de cinco anos - 1986 a 1990 - e apoiam-se em duas revistas de informações e atualidades, *IstoÉ* e *Veja*. Essas revistas foram inventariadas integralmente, inclusive na parte relativa aos anúncios publicitários. Adotamos como critério de amostragem o método estatístico Amostragem Sistemática a 30%. De acordo com esse método, cada periódico teve 30% de seus números analisados durante o período citado (cf. DOWDY & WEARDEN, 1983, p. 23-47).

Esses dados foram coletados, sob forma de leitura, para a constituição do *corpus* de nossa tese de Livre-Docência, intitulada *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo*, apresentada à Universidade de São Paulo em dezembro de 2000. Nesse estudo, foram registrados 1 872 (um mil oitocentos e setenta e dois) neologismos, sendo apenas 25 (vinte e cinco) formados com *hiper-*.

Como *corpus de exclusão*, termo que designa o conjunto de dicionários tomados como referência para a determinação do caráter

neológico de uma unidade lexical, foram considerados os dicionários da língua geral mais contemporâneos ao estudo e publicados até o final da década de 90. Desse modo, foram consideradas neológicas as unidades lexicais não integrantes dos seguintes dicionários: *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Moraes Silva (1949-59); *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Freire (1957); *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*, de Silva (org.) (1965); *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete (1970); *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*, de Nascentes (1972); *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (1986). Foi ainda incluído como parte do *corpus* de exclusão um dicionário ortográfico, o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras, em 1981, que registra em sua macroestrutura várias unidades lexicais criadas nas últimas décadas.

Relativamente à década de 90 e aos primeiros anos do século XXI, utilizamos os dados registrados na *Base de neologismos do português brasileiro contemporâneo* (doravante *Base*), integrante do Projeto *Observatório de neologismos do português brasileiro contemporâneo* (Projeto TermNeo). Esse projeto objetiva coletar, analisar e difundir a neologia do português brasileiro contemporâneo por meio de um *corpus* jornalístico, fornecendo subsídios para o estudo da evolução do léxico do português brasileiro. Busca, ainda, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em neologia relativamente à formação de unidades lexicais neológicas e ao estudo dos processos de formação mais usuais, dos elementos afixais mais produtivos e à concorrência entre estrangeirismos e elementos vernáculos na evolução do léxico português.

Em seus primeiros anos, os neologismos coletados são resultantes de leitura tradicional e, por isso, esse *corpus* jornalístico foi constituído, de janeiro de 1993 até dezembro de 2000, por meio de amostragem (um veículo por semana): *O Globo* (G), primeiro domingo do mês; *IstoÉ* (IE), segunda semana do mês; *Folha de S. Paulo* (FSP), terceiro domingo do mês; *Veja* (V), quarta semana do mês. A partir do final da década de 90, a possibilidade de utilização de materiais informatizados extraídos da Internet tem permitido a constituição de um *corpus* textual informatizado, o que tem facilitado a coleta das unidades lexicais neológicas.

O *corpus* de exclusão de caráter lexicográfico, que servia de parâmetro para a determinação do cunho neológico dos candidatos a

neologismos, era constituído pelos dicionários: *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (1986) (para o *corpus* correspondente ao período de 1993 a 1999); *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (1999) (para o *corpus* coletado em 2000); *MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa* (1998) (para o *corpus* coletado em 1999 e 2000). Integravam também o *corpus* de exclusão as três primeiras edições dos vocabulários ortográficos publicados pela Academia Brasileira de Letras, publicadas em 1981 (para o *corpus* correspondente ao período de 1993 a 1998), 1998 (para o *corpus* coletado em 1999) e 1999 (para o *corpus* coletado em 2000).

A partir de meados de 2006, uma parceria estabelecida com pesquisadores do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC), da USP de São Carlos (Profa. Dra. Sandra Maria Aluísio e Prof. Dr. Thiago Alexandre Salgueiro Pardo), tem possibilitado o uso de ferramentas computacionais que realizam a coleta semiautomática de neologismos, com o uso de léxicos informatizados, desenvolvidos pelo NILC, como *corpora* de exclusão. Essas ferramentas estão disponíveis em www.nilc.icmc.usp.br/~thiago/neologismo.html.

O uso dessas ferramentas está possibilitando uma coleta de neologismos não apenas mais eficiente, como também mais abrangente, permitindo a ampliação do *corpus* de análise, que passou a integrar as edições *online* das revistas *IstoÉ*, *Veja* (desde janeiro de 2001), *Época* (E) (desde janeiro de 2003) e dos jornais *O Estado de S. Paulo* (ESP) e *Folha de S. Paulo* a partir de janeiro de 2001. Um *corpus* de exclusão lexicográfico complementar tem sido utilizado, visando a garantir que candidatos a neologismos que não constem do *corpus* de exclusão elaborado pelo NILC não façam parte de dicionários da língua portuguesa. Esse *corpus* de exclusão é constituído pelas versões eletrônicas dos dicionários citados e também pelos seguintes repertórios: *Dicionário HOUAISS da língua portuguesa*, de Houaiss e Villar (2001) (para o *corpus* coletado a partir de 2002), *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2004) (para o *corpus* coletado a partir de 2005), *Dicionário UNESP de português contemporâneo*, de Borba (org.) (2005) (para o *corpus* coletado a partir de 2006).

O conceito de prefixo adotado neste trabalho aplica-se aos formantes que se antepõem a um radical, uma base livre, e, junto a esse radical, constroem uma nova unidade à qual imprimem um significado; apresenta um valor semântico fixo, de modo que se apresenta disponi-

vel para a formação de novas unidades lexicais. Em decorrência de o formante prefixal constituir várias formações, ou uma criação em série, conforme Sandmann (1989, p. 10), consideramos que a prefixação deve ser estudada no âmbito da derivação.

Em dados quantitativos, os resultados atuais dessa coleta de neologismos representam 13 574 (treze mil quinhentas e setenta e quatro) unidades lexicais neológicas relativas ao período de 1993 a 2000 e cerca de 30 000 (trinta mil), referentes à década de 2000². Dentre esses neologismos, 56 (cinquenta e seis) são derivados com *hiper-* no primeiro período analisado e 65 (sessenta e cinco) correspondem a parte dos dados já analisados relativamente à década de 2000 (dados referentes às revistas *Época* e *Veja* até o final de 2007).

3. Neologismos formados com o prefixo *hiper-*

3.1. Aspectos morfológicos

Os dados que coletamos apresentam sobretudo formações nominais constituídas com o prefixo *hiper-*, o que já era observado desde os primeiros registros lexicográficos de unidades lexicais formadas com esse prefixo.

No primeiro período estudado, de 1986 a 1990, o prefixo associa-se a bases substantivas, especialmente. São quinze os substantivos derivados e dez os adjetivos. No período seguinte, os adjetivos tornam-se mais numerosos do que os substantivos: os primeiros representam trinta e uma unidades lexicais neológicas, sendo os substantivos expressos em vinte e três formações.

Nos dados relativos à década de 80 e ao início da década de 90, observa-se que o prefixo *hiper-*, muito empregado em coocorrência com o substantivo *inflação*, recebe a carga semântica desse substantivo e é empregado em função substantival:

Tarifas defasadas, ditadas pelo Ministério da Fazenda desde o Plano Cruzado, dificilmente poderão ser corrigidas de uma hora para outra, ainda mais num momento em que a inflação beira a <hiper> (IE,03-01-90).

Por que, ainda hoje, dez anos depois do fim da <hiper>, o “regime”, ou o “modus operandi”, de política monetária é o mesmo? (V, 18-08-04)

Nos *corpora* analisados, o prefixo *hiper-* constitui pouquíssimos neologismos verbais, tendo sido registrados apenas os verbos *hiperdimensionar*, *hiperdramatizar* e *hiperestimar*:

Nesses momentos de paroxismo, há uma tendência natural a <hiperdramatizar> todo fato negativo - assim como relevar esses aspectos negativos em momentos de euforia. É só conferir as matérias anunciando a formação de estoques gigantescos em muitas fábricas e o adiamento de investimentos (FSP, 16-11-97).

“Tem gente que acha que eu sou o louquinho que só faz doideira. Em um evento, <hiperdimensiono> mesmo os conceitos, até porque não cabe um cenário branco, clean. Mas é claro que na casa das pessoas não posso seguir a mesma linha”, diz (V, 12-04-06).

/.../ <hiperestimulou> as crianças, trazendo à tona seus expoentes DDA (E, 31-07-03).

O emprego desses neologismos verbais identifica-se com a afirmação de Guillén (1989, p. 43), que conclui que a prefixação de *hiper-* a bases verbais é possível com verbos causativos que expressam sentimentos ou processos mentais (*hiperangustiar*, *hiperemocionar*, *hiperpreocupar*, *hiperproteger*, *hipersensibilizar*). Outra possibilidade que não observamos, é, segundo a autora, constatada com verbos não causativos, pronominais, também referentes a sentimentos (*hiperpreocupar-se*). Essa conclusão não está baseada em exemplos recolhidos de um *corpus*, resultando de neologismos criados e submetidos à avaliação de aceitabilidade por parte de informantes.

Apesar da quase ausência de neologismos verbais formados com *hiper-*, são constatadas várias ocorrências de participios em função adjetival, que exemplificamos com os neologismos *hiperacentuado*, *hiperequipado* e *hiperconectado*:

O que é mais significativo: esta turvação atmosférica tem um <hiperacentuado> odor de mato queimado. (IE, 15-12-99)

Esse adolescente <hiperequipado> e <hiperconectado> não existe apenas em Gossip Girl. (V, 12-12-07)

3.2. Aspectos semânticos

A observação das unidades lexicais derivadas com *hiper-*, nos dicionários da língua portuguesa, revela que esse prefixo junta-se a unidades lexicais da língua comum (subst. *hiperdesenvolvimento*, adj. *hiper-humano*), porém, com mais frequência, tem formado termos de caráter substantival relativos a uma língua de especialidade. Exemplificamos essa vinculação de *hiper-* a línguas de especialidade com os termos *hipérbato*, *hipérbole*, da retórica, *hiperdinamia*, da fisiologia, *hiperdulia*, da teologia, *hipergaláxia*, da cosmologia. Termos da patologia (*hiperemia*, *hiperglicemia*, *hiper-sistolia*) e da medicina (*hipercrise*, *hiperosmia*, *hiperosteose*, *hipertensão*), no entanto, são os mais comumente formados com o prefixo.

A análise dos dados que analisamos demonstra que, contemporaneamente, o prefixo *hiper-* ainda deriva termos de áreas de especialidade, a exemplo de *hiperadrenocorticismismo*, da medicina, e *hipertexto*, da informática:

O diagnóstico de obesidade deve ser feito por um veterinário. Além do simples excesso alimentar, pode haver doenças mais graves por trás da gordura do animal, como hipotireoidismo, <hiperadrenocorticismismo> e mesmo o diabetes - avisa a veterinária Tania Mara (G, 01-12-96).

<Hipertexto> - é um texto numerizado, reconfigurável e fluido. Ele é composto de blocos elementares unidos por vínculos exploráveis em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza a todas as categorias de signos (imagens fixas, animadas, sons etc.) o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o <hipertexto> (FSP, 17-08-97).

No entanto, é na área da Economia que as formações com *hiper-* são mais visíveis no período estudado:

O comércio da Internet é hoje chamado de “comércio dinâmico”, pelo seu <hipercrescimento>. Estima-se que o comércio pela Net entre empresas passe de US\$ 43 bilhões em 1988 para 108 bilhões em 2003 (G, 04-07-99).

O livro escancara as ineficiências, as injustiças sociais e a concentração de renda engendradas por políticas desenvolvimentistas, cujo esgotamento nos conduziu ao processo <hiperinflacionário> do período que vai de 1987 a 1994 (V, 01-12-99).

No espaço de três semanas, chegaram aos cinemas os terceiros capítulos de três trilologias <hiperlucrativas> (V, 13-06-07).

Da mesma forma que em português, em francês o formante *hyper-*, antes limitado a formar termos das línguas de especialidade, tem penetrado pouco a pouco na língua comum (THIELE, 1987, p.126). Essa passagem de *hyper-* para a língua geral, no francês, fora anunciada por Darmesteter (1972, p. 246-247), que, já em 1877, deplorava o procedimento, considerando que os termos formados por *hyper-* e outros formantes não deveriam ter saído nem do laboratório do químico nem do gabinete dos filósofos³.

A partir da década de 90, especialmente, formantes de origem greco-latina, tradicionalmente formadores de termos das ciências e das técnicas e classificados pelas gramáticas do português como compostos (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 107-111) ou radicais de origem grega e latina (BECHARA, 1999, p. 372-384), passam a exercer função prefixal, construindo formações da língua geral, não pertencentes a áreas de especialidade. *Hiper-*, assim como *macro-* e *mega-*, designativos de intensidade crescente, e *micro-* e *nano-*, que revelam intensidade decrescente, passam a atuar como prefixos e a constituir derivados⁴.

Os neologismos da língua comum formados com *hiper-* denotam, em geral, condições positivas. Exemplificamos esse fato com formações adjetivas (*hiperengraçado*, *hiperimportante*, *hiperinteligente*), substantivas (*hipersucesso*, *hipervalorização*). Muito poucas são as bases de caráter semântico negativo a que *hiper-* se prefixa, como o substantivo *hipercaos* e o adjetivo *hiperteimoso*.

Gramáticos e lexicógrafos têm atribuído ao formante um significado locativo, que transparece, por exemplo, em *hiperstílico*, termo da morfologia vegetal que denota “que se insere acima do estilete” e sobretudo o valor de “excesso”, visível em *hiper-sarcose* e *hipertensão*. Conforme já mencionarmos, Houaiss descreve o significado locativo (“acima; acima de, sobre; por cima, superiormente, muito, demais, para lá de” - morfologicamente com a raiz indo-européia **ub-* (*sup-* e *sub-*) ‘movimento de baixo para cima; elevação’) e, com o lat. *super-* (ver), de que representa, modernamente, um nível quantificador acima, inclusive nos usos *ad hoc*, reverentes ou pilhéricos (*supermulher*: *hipermulher*; *super-sensível*: *hiper-sensível*, *superexcitável*: *hiperexcitável*”).

A análise do *corpus* que estudamos revela que o significado locativo não está mais presente, pois os neologismos coletados denotam “abundância”,

“excesso”, a exemplo de: *hipercapitalismo*, *hiperdimensão* (subst.); *hiperconhecido*, *hiperelitizado*, *hiperengraçado*, *hiperotimista* (adj.). Em algumas formações substantivas, transparece o excesso, aliado a uma grande importância: *hiperdimensão*, *hiper-sucesso*⁵.

O caráter reforçativo de *hiper-* em relação a *super-*, também mencionado por Houaiss, transparece em um contexto em que os dois formantes refletem a carga semântica do substantivo *inflação*:

Não é preciso ser economista para admitir que quando a <super> virasse <hiper> o país e todos os seus habitantes estariam hoje numa penúria acachapante (V, 18-04-90).

Esse caráter reforçativo de *hiper-* relativamente a *super-* manifesta-se também quando os dois prefixos coocorrem e formam o neologismo *super-hipermãe*, que traduz excesso, uma “mãe extremamente protetora”:

Na pele de um advogado neurótico e judeu, ele tenta escapar das garras protetoras de uma <super-hipermãe>, que lhe aparece na imaginação em situações absolutamente espantosas (V, 05-12-90).

A gradação semântica revela-se também em outro contexto, em que *hiper-* apresenta mais excesso do que *super-* e *ultra-*:

Empolgante e divertidíssima brincadeira com os filmes de ação no estilo Rambo. Arnaldão fez um herói <super-ultra-hiperexagerado> e Wells é um vilão suspeitíssimo (G, 02-06-96).

O formante *hiper-*, no entanto, revela intensidade valorativa menos do que *mega-*, como se observa no contexto a seguir, em que a gradação *super-* / *hiper-* / *mega-* é bastante nítida:

São Paulo - É difícil de decidir qual a bobagem maior, entusiasmar-se com Michael Jackson ou deblaterar com ele. O <supercantor>, <hipercompositor>, <megaestrela> - esses superlativos já nada são capazes de exprimir - têm a força passageira de uma intempérie (FSP, 17-10-93).

3.3. Aspectos textuais

Do ponto de vista textual, formações com *hiper-*, assim como com outros formantes prefixais e sufixais (cf. ALVES, 2009) têm, não raro, seu sentido reiterado por comentários metalinguísticos de explicitação do novo, que, conforme demonstra Authier-Revuz (1995), explicitam o sentido de uma unidade lexical neológica já enunciada ou

que ainda deve ser enunciada.

Exemplificamos com os substantivos *hiperurbanização*, em que o caráter de excesso expresso por *hiper-* é parafraseado por “um inchaço (metropolitano)”, e *hiperpotência*, cuja intensidade valorativa é explicitada pelo sintagma “enorme excedente (de recursos)”, em que os dois primeiros elementos indicam um grande excesso:

E ele foi exatamente isso: excluiu as massas dos benefícios de seu efêmero desempenho; concentrou a renda; cartelizou e estatizou a economia; produziu uma <hiperurbanização>, um inchaço metropolitano, que levou à deterioração das regiões metropolitanas; privilegiou o eixo sudeste da economia, agravando a concentração industrial (V, 07-04-04).

O envio de tropas e de material militar deverá continuar, pois a <hiperpotência> americana faz tudo sempre com um enorme excedente de recursos (V, 22-01-03).

Observa-se também, no *corpus* analisado, que formações neológicas construídas com *hiper-* por vezes coocorrem com as respectivas bases, a exemplo dos adjetivos *real* / *hiper-real*, *monetário* / *hipermonetário* e dos substantivos *realidades* / *hiper-realidade*, possibilitando ao prefixo exercer a função de complementaridade no contexto em que está inserido:

Neles, o <real> desaparece e se torna <hiper-real>.

A inflação é, sem dúvida, um fenômeno <monetário> e a hiperinflação ou a sua possibilidade é um fenômeno <hipermonetário>.

A década da <hiper-realidade> se fecha com o desejo de <realidade>.

Considerações finais

À guisa de conclusão deste estudo sobre o prefixo *hiper-* no português brasileiro, podemos sugerir que o formante, inicialmente formador de termos das línguas de especialidade, passou a ser usado em contextos não especializados, disseminando-se pela língua geral.

Nesses contextos, *hiper-* não exerce mais a função de “posição”, assumindo a de “excesso”, e ocupando um valor de superioridade em relação a *super-* e *ultra-* e um valor de inferioridade relativamente a *mega-*.

ABSTRACT:

In the present work we present morphological, semantic and textual features of neologisms prefixed with *hiper-*, analyzed in journalistic *corpora* from different periods: *IstoÉ* and *Veja* magazines, studied from January 1986 to December 1990 and data recorded in the Contemporary Brazilian Portuguese Neologism Database, TermNeo project, which presents neologisms collected from a journalistic *corpus* since January 1993. This prefix, which initially formed terms of specialized languages, began to be used in non-specialized contexts, forming mainly nominal derivation and no longer performing a 'position' function, but a 'excess' function.

KEYWORDS: neologisms; prefixation; meaning; media

NOTAS

¹ O termo *formante*, mais amplo do que *morfema*, abrange, de acordo com Quemada (1981), as unidades mínimas ligadas: radicais, elementos de composição herdados das línguas clássicas e afixos (prefixos e sufixos).

² Todos os neologismos referentes ao período de 1993 a 2000, e uma parte referente ao período seguinte, podem ser consultados no site do Projeto TermNeo: www.fflch.usp.br/dlcv/neo. Os demais estão sendo paulatinamente disponibilizados para consulta.

³ *Ils /des exemples/ montrent aussi que ces mots ne restent pas confinés dans le domaine restreint de la science, mais envahissent de tous côtés la langue commune, la pénètrent, et menacent de la désorganiser. L'extension, le progrès des sciences, la vulgarisation, pour employer le terme consacré, l'action incessante de la presse, le développement de l'industrie, répandent dans l'usage général de ces termes qui n'auraient pas dû sortir du laboratoire du chimiste, ni du cabinet des philosophes. Ouvrez à certaines pages le dictionnaire de M. Littré, vous trouverez des séries de colonnes de mots grecs que l'auteur a crus assez autorisés par l'usage pour leur donner droit de cité dans son trésor de la langue française. Or, ce n'est pas impunément que ces termes, formés en vertu de lois inconnues à notre idiome, s'installent au milieu des termes français: c'est une plantation exotique qui vient se greffer sur les végétations indigènes, s'y*

développer, et peut-être les étouffer. Nous avons vu que des suffixes, des particules grecques sont devenues usuelles: ose, ite, archi, anti; bientôt hypo et hyper jouiront des mêmes avantages.

⁴ Assumimos, neste trabalho, a posição de Basílio (1989), que assim distingue a derivação prefixal da composição:

Em suma, na prefixação acrescenta-se a uma base um elemento fixo, com função pré-determinada; na composição, a partir de uma estrutura fixa, com função semântica pré-determinada, combina-se a semântica de dois itens lexicais quaisquer.

Dentro desse quadro, desaparece a controvérsia de se a prefixação deveria ser ou não considerada como composição, na medida em que não entra em cogitação a questão de se uma forma é livre ou presa, e sim se esta forma corresponde a um elemento fixo de uma lista para formação ou não (BASÍLIO, 1989, p. 10-11).

⁵ Em *A derivação prefixal intensiva no português brasileiro: a formação de um campo prefixal* (ALVES, 2010), procuramos demonstrar como a expressão da derivação intensiva no português brasileiro, inicialmente expressa apenas por meio de afixos sufixais, passa a ser também representada por afixos prefixais. Esses afixos são representados por prefixos tradicionais do português, alguns dos quais exprimiam anteriormente “posição”, e também por elementos que vão assumindo uma função prefixal.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

_____. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia, 1998.

_____. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1999.

_____. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2004

ALVES, Ieda Maria. A derivação prefixal intensiva no português brasileiro: a formação de um campo prefixal. In: HWANG, A.D.; NADIN, O. L. *Linguagens em interação III: estudos do léxico*. Maringá: Clechetec, 2010. p. 13-32.

_____. Neologia e implicações textuais. *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa, 2009. p. 1821-1825.

_____. Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. São Paulo, 2000. Tese (Livres-Docência). Universidade de São Paulo.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira novamente rev., atual. e aum. por Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1970. v. 5, 1 ed. 1881

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Les mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non coïncidences du dire*. Paris : Larousse, 1995. v.2 .

BASÍLIO, Margarida. Prefixos: a controvérsia derivação / composição. *CADERNOS de Lingüística e Língua Portuguesa*, n.1, p. 3-13, 1989.

BLUTEAU, D. Raphael. *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-28. v.8. suplemento 2.

BORBA, Francisco da Silva (Org.). *Dicionário UNESP de português contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DARMESTER, Arsène. *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Genève : Slatkine Reprints, 1972. 1 éd., 1877

DOWDY, Shirley; WEARDEN, Stanley. *Statistics for research*. New York: John Wiley & Sons, 1983.

RIBEIRO, Julio Cesar. *Grammatica portugueza*. 12 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914. 1 ed. 1881.

SANDMANN, Antonio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone Editora, 1989.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 2 ed. Lisboa: Typ. Lacérquina, 1813, v.2. 1 ed. 1789.

_____. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10 ed. rev., corr., muito aum. e act. por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-59. v.13. 1 ed. 1789.

THIELE, Johannes. *La formation des mots en français moderne*. Trad. de l'allemand d'André Clas. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1987.

VIEIRA, Fr. Domingos. *Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes, 1871-4. v.5.

Recebido em: 15/03/2011

Aprovadoem: 30/06/2011